



FILMES
QUE AMO
— Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO, DE 2022 - 21H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO – (entrada livre)

A NOITE AMERICANA

Título original: La nuit américaine

Realização: François Truffaut (França, 1973)

1. O CINEMA NO CINEMA

O cinema sempre foi motivo de grande interesse para o próprio cinema. Compreende-se. Qualquer cinéfilo gosta de saber como se faz um filme e assistir nos bastidores à feitura de uma obra deve ser uma ocasião única para satisfazer a curiosidade. Mas os próprios cineastas se sentem atraídos por falar do cinema, através de um filme. O cinema dentro do cinema é assim uma espécie de subgénero cinematográfico, curiosamente com muitas e brilhantes variações assinadas por reputados autores, dos maiores da história da sétima arte.

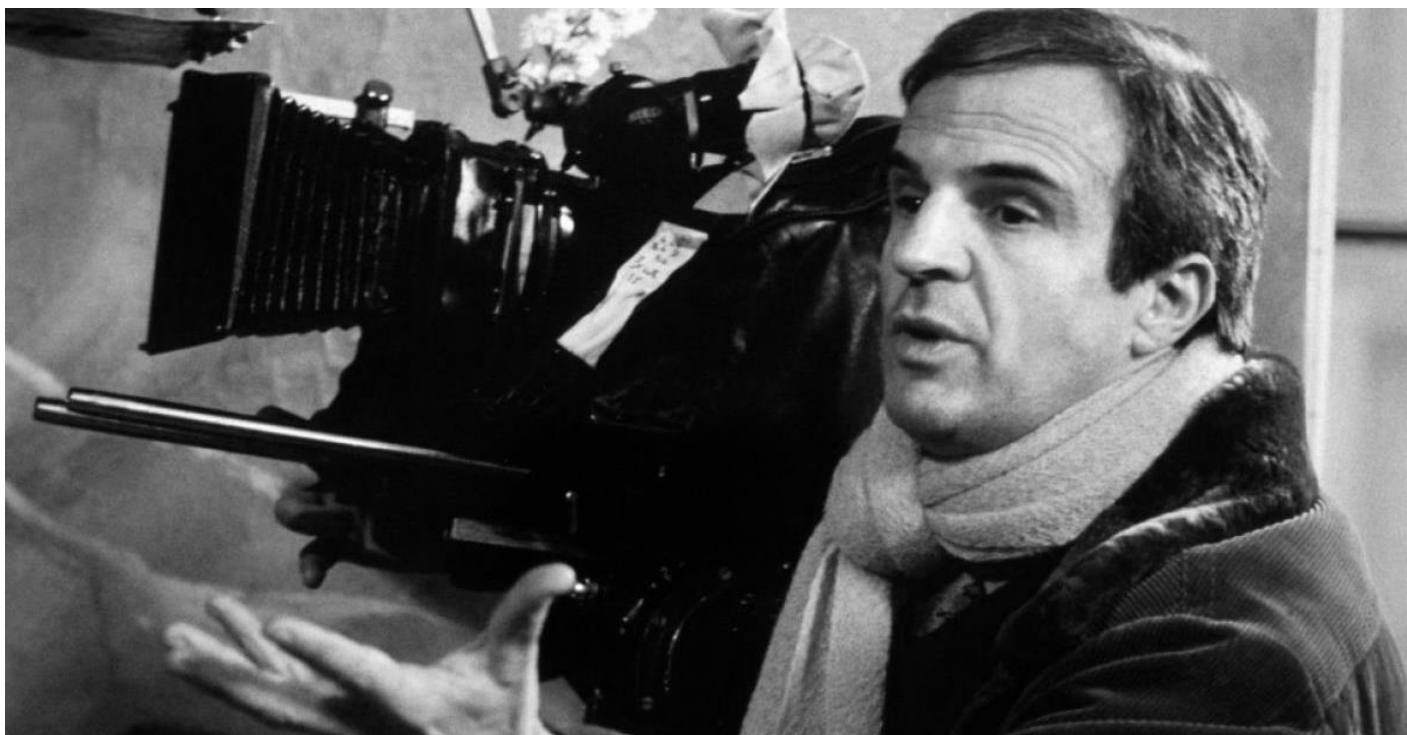
Há exemplos para todos os gostos, e vamos aqui apenas referir alguns que trazem prestigiadas assinaturas. "Crepúsculo dos Deuses", de Billy Wilder (1950), recorda a traumatizada existência de uma velha atriz de cinema mudo que vive longe dos estúdios, imaginando o seu próximo regresso triunfal, através de um argumento que prepara com um escritor contratado para o efeito. Gloria Swanson, Erich von Stroheim, William Holden e Nancy Olson são os protagonistas deste admirável drama atravessado pela tonalidade do filme negro, que termina com a fabulosa sequência em que a protagonista se declara a Cecil B. De Mille "pronta para o seu close up". Teve uma continuação, "O Segredo de Fedora" (1978), do mesmo Billy Wilder, com William Holden, Marthe Keller, Hildegard Knef e José Ferrer.

"Serenata à Chuva", de Stanley Donen e Gene Kelly (1952), é outra obra-prima, esta num registo de comédia musical, testemunhando aspectos da passagem do cinema mudo para o sonoro. Gene Kelly, Donald O'Connor, Debbie Reynolds e Jean Hagen encabeçam um elenco magnífico.

Vincente Minnelli também abordou o tema em duas obras indispensáveis, "Cativos do Mal" (1952), um drama que acompanha a pouco escrupulosa atuação de um produtor que manipula atores, realizadores e argumentistas, em nome do sucesso comercial. Lana Turner, Kirk Douglas, Walter Pidgeon e Dick Powell interpretam este título que teve uma espécie de sequência em "Duas Semanas Noutra Cidade" (1962). A "outra cidade" é Roma, onde um ator caído em desgraça procura a redenção junto de um velho realizador. Kirk Douglas, Edward G. Robinson, Cyd Charisse e George Hamilton asseguram a qualidade do elenco.

Nem só os americanos se aproximam do género. Na Europa, Federico Fellini deu-nos um espantoso "Fellini 8½" (1963), sobre um cineasta em crise de inspiração, numa obra transbordante de imaginação e de ... inspiração. Marcello Mastroianni foi, como sempre, um alter ego de Fellini, aqui ao lado de Anouk Aimée, Claudia Cardinale e Sandra Milo. Muito autobiográfico. Igualmente Jean-Luc Godard, em "O Desprezo" (1963), repensa o cinema, com um elenco de que fazem parte Brigitte Bardot, Jack Palance e Michel Piccoli, além de Fritz Lang.

Passemos, por agora, por cima de "A Noite Americana", de François Truffaut (1973), com Jacqueline Bisset, Jean-Pierre Léaud e o próprio François Truffaut, e recordemos "Bom Dia, Babilónia, de Paolo Taviani, Vittorio Taviani (1987) que recua até às famosas filmagens de "Intolerância", de David Griffith, com um elenco onde sobressaem Vincent Spano, Joaquim de Almeida, Greta Scacchi. Outro título italiano indispensável é "Cinema Paraíso", de Giuseppe Tornatore (1988), viagem nostálgica aos tempos de ouro de um popular cinema de província que se torna a paixão de um miúdo que aprende a arte de projetar. Com Philippe Noiret, Enzo Cannavale e Jacques Perrin.



Entretanto, Elia Kazan deram-nos um magnífico "O Grande Magnate" (1976), segundo romance de F. Scott Fitzgerald, com Robert De Niro, Tony Curtis, Robert Mitchum e Jeanne Moreau, traçando o retrato de um produtor de cinema que tem muito de Irving Thalberg, o mítico produtor da MGM nas décadas de 20 e 30.

"Tudo Boa Gente", de Blake Edwards (1981), com Julie Andrews, William Holden, Marisa Berenson e Larry Hagman, é uma ácida comédia sobre os maus costumes de Hollywood, que é prolongada em "O Jogador", de Robert Altman (1992), brilhante radiografia da Meca do cinema, protagonizada por Tim Robbins, Greta Scacchi, Fred Ward e Whoopi Goldberg.

Woody Allen não podia faltar nesta listagem. "A Rosa Púrpura do Cairo" (1985), com Mia Farrow, Jeff Daniels e Danny Aiello, reconstitui os tempos trágicos da Grande Depressão, mostrando como o cinema podia funcionar como um estímulo gratificante para se conseguir suportar a miséria circundante.

Referidos alguns títulos, não resistimos a assinalar ainda alguns mais, mas de forma muito sucinta, e sem qualquer ordem, cronológica, de qualidade, de origem: "No Reino da Calúnia", de Robert Aldrich (1955), "O Testa de Ferro", de Martin Ritt (1976), "Barton Fink", de Joel Coen, Ethan Coen (1991), "Chaplin", de Richard Attenborough (1992), "Ed Wood", de Tim Burton (1994), "Jogos Quase Perigosos", de Barry Sonnenfeld (1995), "Jogos de Prazer", de Paul Thomas Anderson (1997), "Deuses e Monstros", de Bill Condon (1998), "A Sombra do Vampiro", de E. Elias Merhige (2000), "O Miar do Gato", de Peter Bogdanovich (2001), "O Artista", de Michel Hazanavicius (2011), "All That Jazz - O Espectáculo Vai Começar", de Bob Fosse (1979), "A Condessa Descalça", de Joseph L. Mankiewicz (1954), "Birdman ou (A Inesperada Virtude da Ignorância)", de Alejandro G. Iñárritu (2014), "Noite de Estreia", de John Cassavetes (1977), "Um Realizador em Apuros", de Tom DiCillo (1995), "O dia dos gafanhotos", de John Schlesinger (1975), "The Stunt Man - O Fugitivo", de Richard Rush (1980), "Vénus de Vison", de Roman Polanski (2013), "A Musa", de Albert Brooks (1999), "O Sem-Vergonha", de Frank Oz (1999), "Identificação de Uma Mulher", de Michelangelo Antonioni (1982), "Na Lista Negra", de Irwin Winkler (1991), devendo ainda não esquecer "Cada Um o Seu Cinema" (2007), um filme coletivo em que vários cineastas deram o seu depoimento de como o cinema os marcou. Entre os realizadores convidados contam-se Theodoros Angelopoulos, Olivier Assayas, Bille August, Jane Campion, Youssef Chahine, Kaige Chen, Michael Cimino, Ethan Coen, Joel Coen, David Cronenberg, Jean-Pierre Dardenne, Luc Dardenne, Manoel de Oliveira, Raymond Depardon, Atom Egoyan, Amos Gitai, Hsiao-Hsien Hou, Alejandro G. Iñárritu, Aki Kaurismäki, Abbas Kiarostami, Takeshi Kitano, Andrey Konchalovskiy, Claude Lelouch, Ken Loach, David Lynch, Nanni Moretti, Roman Polanski, Raoul Ruiz, Walter Salles, Elia Suleiman, Ming-liang Tsai, Gus Van Sant, Lars von Trier, Wim Wenders, Kar-Wai Wong e Yimou Zhang.

Portugal não está de fora desta lista. O alemão Wim Wenders escolheu o nosso país para falar de filmes em rodagem, em "Viagem a Lisboa" (1994), com Rüdiger Vogler, Patrick Bauchau, Vasco Sequeira e Canto e Castro, ou "O Estado das Coisas" (1982), com Allen Garfield, Samuel Fuller ou Isabelle Weingarten. Mas o próprio Manoel de Oliveira não se eximiu de abordar o cinema, nalguns

títulos seus, como por exemplo, em "Viagem ao Princípio do Mundo" (1997), com Marcello Mastroianni, Jean-Yves Gautier, Leonor Silveira e Diogo Dória.

Já agora, eu próprio me deixei seduzir por essa pescadinha de rabo na boca que, ao fim e ao cabo, é o cinema dentro do cinema. A minha versão da novela de José Régio "O Vestido Cor de Fogo" (1986), adapta à atualidade a estrutura narrativa da obra do meu professor em Portalegre (foi meu professor de português e francês nos meus tempos de liceu). O filme procurava mostrar as diferenças entre a linguagem literária e a cinematográfica, alternando cenas em que um narrador contava a um realizador uma indesditosa história de amor. O narrador utilizava as palavras de Régio, o realizador passava-as a imagens.

2. A NOITE AMERICANA



Se há realizador de cinema que seja simultaneamente um cinéfilo apaixonado pelo cinema esse será François Truffaut. Obviamente que a grande maioria dos cineastas amam o cinema, mas alguns parece que exageram, não podem viver sem o objeto do seu amor. Truffaut será um desses casos, documentado em múltiplas atitudes e tomadas de posição. No seu filme de estreia, que tem muito de autobiográfico, "Os quatrocentos Golpes", o jovem Antoine Doinel (interpretado por Jean-Pierre Léaud, aquele que viria a ser um alter ego de Truffaut em várias obras) não hesita em roubar algumas fotografias de propaganda de um filme de Welles, que se encontram no exterior de uma sala de cinema. Trata-se obviamente de um roubo de paixão.

Truffaut é um apaixonado pelo cinema. Como espectador, como crítico, como realizador. O cinema está sempre no seu espírito. Por isso se compreende que tenha realizado um filme em que o próprio cinema é o centro da sua atenção. "A Noite Americana". Um dos mais belos e apaixonantes filmes feitos sobre o cinema. (Só é pena ter sido realizado em 1973, quando a moda era tão desengraçada – o guarda-roupa do filme é, atualmente, de muito mau gosto).

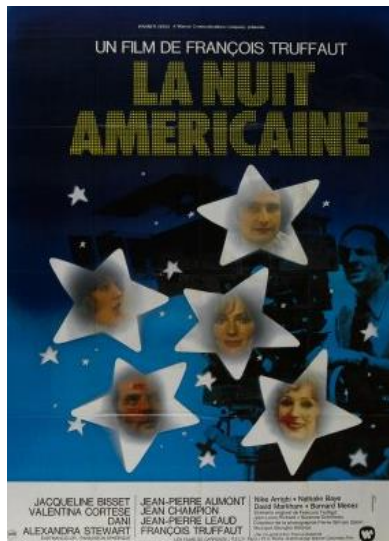
Ferrand (François Truffaut) e a sua equipa de atores e técnicos reúnem-se em Nice, nos Studios de la Victorine, no hotel Atlantic e em exteriores, para rodarem "Je vous présente Pamela". Quem tiver boa memória, recordará que muitos dos cenários são recuperados de um filme inglês, "A Louca de Chaillot" (The Madwoman of Chaillot), de Bryan Forbes (1969), com a grande Katharine Hepburn.

"A Noite Americana" chama-se assim porque faz alusão a uma técnica cinematográfica que permite rodar de dia cenas como se fosse de noite. Basta utilizar um filtro azul e ter em conta algumas outras especificidades para o resultado ser satisfatório. É uma técnica que mostra bem o artificialismo do cinema, e esse aspeto foi seguramente tido em conta por Truffaut na escolha do título. O filme é precisamente sobre a duplicidade que se cria entre a vida e a criação cinematográfica. Na vida tudo é imponderável, no cinema tudo se pode controlar. Na película surge uma personagem que se insurge precisamente contra esta falsidade do cinema: "O que é o cinema? Que profissão é esta em que toda

a gente dorme com toda a gente? Em que todos se tratam por tu e todos mentem? O que é isto? Acham isto normal?"

O próprio Ferrand responde a estas considerações noutra cena do filme: "Eu sei que há a vida privada, mas a vida privada é enfadonha para toda a gente. Os filmes são mais harmoniosos que a vida. Não há engarrafamentos nos filmes. Não há tempos mortos. Os filmes avançam como comboios na noite escura. Pessoas como tu (Alphonse) e eu nascemos para ser felizes a trabalhar no cinema."

O melodrama sentimental "Je vous présente Paméla" (porque será que ninguém até hoje resolveu rodar realmente este projecto?), de que nos apercebemos apenas alguns desenvolvimentos, fala de um homem casado, apaixonada por outra mulher, que morre num acidente, e que será abatido pelo seu filho. Este é interpretado pelo caprichoso Jean-Pierre Léaud, Jacqueline Bisset é a amante, Jean-Pierre Aumont, o pai adúltero, e Valentina Cortese, a mãe. Tal como no cinema, uma grande dose de artificialismo, de aparência, de falsidade. Rodar a noite durante o dia. Truffaut dedicou esta obra a duas das mais célebres irmãs da história do cinema: as divas do mudo, Lillian e Dorothy Gish.



A NOITE AMERICANA

Título original: La nuit américaine

Realização: François Truffaut (França, 1973); **Argumento:** François Truffaut, Jean-Louis Richard, Suzanne Schiffman; **Produção:** Marcel Berbert; **Música:** Georges Delerue; **Fotografia (cor):** Pierre-William Glenn; **Montagem:** Martine Barraqué, Yann Dedet; **Design de produção:** Damien Lanfranchi; **Direcção artística:** Damien Lanfranchi; **Guarda-roupa:** Monique Dury; **Maquilhagem:** Fernande Hugi, Thi-Loan Nguyen, Malou Rossignol; **Direcção de Produção:** Claude Miller, Suzanne Schiffman, Jean-François Stévenin, Bill Gold; **Som:** Antoine Bonfanti, René Levert, Harrik Maury; **Companhias de produção:** Les Films du Carrosse, PECF, Produzione Intercontinentale Cinematografica; **Filme dedicado a Dorothy Gish e Lillian Gish;** **Intérpretes:** Jacqueline Bisset (Julie Baker), Valentina Cortese (Séverine), Dani (Liliane), Alexandra Stewart (Stacey), Jean-Pierre Aumont (Alexandre), Jean Champion (Bertrand), Jean-Pierre Léaud (Alphonse), François Truffaut (Ferrand),

Nike Arrighi (Odile), Nathalie Baye (Joëlle), Maurice Seveno, David Markham, Bernard Menez, Gaston Joly, Zénaïde Rossi, Xavier Saint-Macary, Marc Boyle, Walter Bal, Jean-François Stévenin, Pierre Zucca, Georges Delerue, Graham Greene, Ernest Menzer, Claude Miller, etc. **Duração:** 116 minutos; **Distribuição em Portugal:** Warner Filmes; **Classificação etária:** M/ 18 anos – M/ 12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 10 de janeiro de 1974.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 30 DE JANEIRO, DE 2023

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO II - 21H00 (entrada livre)

UMA NOITE NA ÓPERA

Título original: A Night at the Opera

Realização: Edmund Goulding (EUA, 1935) | **Duração:** 96 minutos